



**Universidade de Brasília**

**A DUALIDADE DISCURSIVA PRESENTE NOS TEXTOS DE FERRÉZ:  
REPRESENTAÇÃO DAS MARGENS X CRÍTICA À ELITE**

Iara Gregório Tristão da Cunha  
Graduanda em Letras Português  
Matrícula 12/0058294

Orientadora: Dra. Edna Cristina Muniz

Brasília  
2014

## RESUMO

O presente trabalho objetiva mostrar como é representada a classe marginalizada e a elite, descritas em textos do escritor de literatura marginal, Ferréz. Para tal, usa-se como base a Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2014) e a Teoria de Representação dos Atores Sociais caracterizada por van Leeuwen (2008). Foram analisados: 1 conto do livro “Ninguém é Inocente em São Paulo” e outros pequenos textos publicados na página do facebook e no blog do escritor.

## ABSTRACT

This paper aims to show how it is represented the marginalized class and the elite, described in texts Writer marginal literature, Ferréz. To this end, we use as the base Systemic Functional Grammar of Halliday and Matthiessen (2014) and the Representation Theory of Social Actors characterized by van Leeuwen (2008). Were analyzed: 1 story book "Ninguém é Inocente em São Paulo" and other short texts posted on the facebook page and blog writer.

## PALAVRAS-CHAVE:

Análise do discurso crítica; Linguística sistêmico-funcional; Literatura marginal; Ferréz.

## KEY WORDS:

Critical discourse analysis; Systemic functional linguistics; Marginal literature; Ferréz.

## Lista de Tabelas

Tabela 1- Tipos de processos e participantes (FUZER & CABRAL, 2010).....	9
Tabela 2- Quadro resumo dos tipos de processos.....	15
Tabela 3- Quadro resumo dos tipos de atores sociais.....	16

## Sumário

1. Introdução.....	4
2. Objetivo e Questão de pesquisa.....	5
3. Justificativa e Contextualização Teórica.....	6
3.1. Linguística Sistêmico-Funcional .....	6
3.2. Função Ideacional - Oração como representação .....	7
3.3. Representação dos Atores Sociais .....	10
4. Metodologia .....	14

<b>5. Análise e resultados</b> .....	15
5.1. Quadro resumo dos tipos de processos .....	15
5.2. Quadro resumo dos tipos de atores sociais .....	16
<b>6. Considerações Finais</b> .....	19
<b>7. Referências Bibliográficas</b> .....	19
<b>8. Anexos</b> .....	21

## 1. Introdução

Este artigo analisa textos do escritor Ferréz. Os textos escolhidos foram retirados do blog, da página de *facebook* e do livro ‘Ninguém é Inocente em São Paulo’, todos do escritor. A análise é feita a partir da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) desenvolvida pelo linguista Halliday juntamente com a representação dos atores sociais caracterizada por van Leeuwen.

Vale ressaltar que a análise foi feita a partir de gênero textual fictício (o conto), e textos escritos em suas páginas virtuais. Os textos escritos por Ferréz são classificados como Literatura Marginal, assim sendo, cabe antes de tudo caracterizar esse tipo de Literatura e o escritor respectivamente.

Reginaldo Ferreira da Silva, que tem como nome artístico Ferréz, é um romancista, contista, poeta e compositor. Também promove diversos eventos e ações culturais e políticas na região do Capão Redondo, periferia da cidade de São Paulo, onde nasceu e reside até hoje.

Ferréz já publicou diversos livros, entre eles *Fortaleza da Desilusão* (1997), *Capão Pecado* (2001), *Amanhecer Esmeralda* (2005), *Ninguém É Inocente em São Paulo* (2006) e *Deus foi Almoçar* (2012).

Em seus textos, romances e contos, Ferréz apresenta de modo realista problemas cotidianos vividos pela população das regiões periféricas de São Paulo e principalmente da periferia onde ele reside (Capão Redondo). Suas histórias expõem por meio da ficção os dilemas relacionados à situação de pobreza desses habitantes. Busca através de sua obra revelar a violência a que estão expostos seus personagens, à medida que investiga criticamente esses sujeitos, sendo, ao mesmo tempo, vítimas e agentes do processo social no qual se inserem. Seu estilo de escrita busca reconstituir a musicalidade da variante linguística da periferia da cidade de São Paulo e constituir um ponto de vista literário e crítico interno a essa realidade.

A Literatura Marginal como o próprio nome sugere é aquela produzida por pessoas da “margem social”. A linguagem utilizada nesse tipo de literatura é geralmente informal, cabe o uso de gírias, palavrões e algumas vezes erros ortográficos propositais. Segundo Roberto Ponge “*literatura marginal seria a literatura à margem da literatura oficial, isto é, da literatura da classe dominante*”.

Esse tipo de literatura na maioria das vezes busca uma autorrepresentação identitária, mas constata-se também uma alta crítica a elite. Assim sendo, fica claro em

muitos de seus discursos a dualidade: que ora se representa, ora critica a classe dominante.

Cada vez mais os estudos literários tem se preocupado com os problemas ligados ao acesso à voz e a representação de diferentes grupos sociais. As classes populares têm menor acesso a esferas de produção discursiva, mas tem aumentado essa produção dita “marginal”, tem ganhado voz e força. Segundo Foucault “*o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta*”.

Muitos escritores da literatura marginal têm projetos sociais e se preocupam em disseminar a literatura e a cultura.

Para Ferréz,

*“... quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita com carvão, a regra é uma só, mostrar as caras. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto...”*(FERRÉZ, 2005, *apud* DALCASTAGNE, 2007, p.29).

Assim como Ferréz, aqueles que escrevem a literatura marginal estão cientes de que o preconceito em torno do assunto é significativo. Acreditar em sua autenticidade discursiva e experiência vivida é um passo para aprimorar sua qualidade estética, que poderá, então, adquirir reconhecimento, já que aborda fatos que revelam um campo discursivo quanto à posição social do país.

Essa forma de escrita e a avaliação da sociedade junto àqueles que constituem o meio literário derivam da posição social do autor, de sua baixa popularidade/prestígio no mercado editorial, da linguagem não padrão presente nos textos, dos personagens escolhidos para protagonizar as histórias, da ambientação e das situações tão reais, presentes nessas histórias.

## **2. Objetivo e Questão de pesquisa**

O presente trabalho visa compreender a dualidade discursiva presente nos textos do autor: como ele tem representado a classe dita marginalizada e ao mesmo tempo a representação da elite dentro do mesmo discurso. Compreender o modo pelo qual os indivíduos, os atores sociais, agem dentro do discurso marginal escrito por Ferréz.

### 3. Justificativa e Contextualização Teórica

#### 3.1. Linguística Sistêmico-Funcional

O linguista John Rupert Firth (1890 – 1960), foi quem deu início as primeiras sistematizações do princípio da língua e seu uso em contexto. A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) foi estruturada por um aluno de Firth- o linguista M.A.K Halliday. A LSF foi desenvolvida desde 1960 e sistematizada na obra *An Introduction to Funcional Grammar* (1985, 1994) e em sua terceira edição revista e ampliada em colaboração com Matthiessen (2004).

A Gramática Sistêmico-Funcional busca identificar as estruturas de linguagem específica que contribuem para o significado de um texto. As análises que se realizam nessa perspectiva teórica se propõem a mostrar “*como e por que um texto significa o que significa*” (WEBSTER, 2009, p. 7). Essa abordagem descreve que os textos também apresentam em si uma ideologia.

O texto precisa ser analisado a partir do propósito e do processo de criação. Ele pode ser visto como um objeto em si mesmo e como um instrumento para atingir um fim. Segundo FUZER & CABRAL “*Como objeto, o gramático pergunta: o que o texto significa? Por que é valorizado? Como instrumento, o gramático pergunta: o que o texto revela sobre o sistema da língua?*”.

A língua é utilizada por nós com o propósito de estabelecer comunicação e para estabelecermos essa comunicação precisamos organizar tal mensagem de acordo com o contexto sociocultural em que falamos ou escrevemos. A partir daí pensa-se a respeito da função da linguagem. Essa função representa o modo como às pessoas atingem seus objetivos no discurso por meio da forma como constroem tal discurso.

Halliday distingue três funções da linguagem: Ideacional, Interpessoal e Textual. A *função Ideacional* tem como unidade de análise o complexo oracional e visa compreender o meio através das experiências do falante. A *função Interpessoal* analisa o sistema de **MODO**, que é utilizado para expressar a interação dos participantes em um evento comunicativo. São levadas em consideração informações relativas ao tempo em que ocorre o evento, à modalidade (probabilidade, usualidade, obrigação, disposição), à polaridade (positiva ou negativa) e aos complementos e adjuntos. A *função textual* visa estabelecer relação de coesão entre as orações. A oração é dividida em um Tema acompanhado de um Rema. O Tema é o elemento que serve como ponto de partida da mensagem, ele localiza e orienta a oração dentro de seu contexto. O Rema é a

informação ao qual a mensagem se refere, pode-se dizer que constitui o conteúdo semântico da oração.

A chave para a interpretação funcional da estrutura gramatical é a multifuncionalidade, ou seja, os componentes linguísticos de uma mesma oração podem ser interpretados sob diferentes enfoques.

### 3.2. Função Ideacional - Oração como representação

Na função Ideacional o indivíduo expressa a sua experiência no mundo material ou de seu mundo interior (de sua própria consciência). Dentro desse âmbito de experiência, o ser humano é capaz de fazer entre um e outro fragmento de sua experiência, seja através de identificação ou caracterização. Os significados experienciais relacionam-se com o que se faz no mundo- **o Campo**. O Sistema de Transitividade é então a parte da gramática em que se manifestam os significados experienciais.

Os componentes da gramática ideacional da oração seriam:

- Processo- É o elemento central da configuração, indica a experiência se desdobrando através do tempo;
- Participantes- São as entidades envolvidas (pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados), as quais levam à ocorrência do processo ou são afetadas por ele;
- Circunstância- Indica, opcionalmente, o modo, o tempo, o lugar, a causa, o âmbito em que o processo se desdobra.

Os tipos de processos são categorizados em: materiais, mentais, relacionais, verbais, comportamentais e existenciais.

Os *processos materiais* se desdobram em orações definidas como orações de “fazer de acontecer”, pois estabelecem uma mudança no fluxo de eventos. Envolvem ações como: correr, ir, levantar, aquecer, brilhar, etc. O agente desse tipo de oração é denominado *Ator* e o participante afetado denomina-se *Meta*. As orações materiais se subdividem em *Criativas* (o participante é trazido à existência no desenvolvimento do processo) e *Transformativas* (o resultado é a mudança de algum aspecto de m participante já existente).

EXEMPLO (1):

Um deles	escapou
<b>Ator</b>	<b>Processo material transformativo de movimento</b>

## EXEMPLO (2):

Batendo firme nessas teclas	(eu)	escrevi	Capão Pecado,
<b>Circunstância</b>	<b>Ator</b>	<b>Processo material criativo</b>	<b>Meta</b>

Os *processos mentais* referem-se às experiências do mundo da consciência. Essas orações diferenciam gramaticalmente quatro tipos de sentir: perceptivo (ver, ouvir, etc.), cognitivo (imaginar, escolher, descobrir, decidir, conhecer, compreender etc.), desiderativo (desejar, querer) e emotivo (sentir, gostar, apreciar, odiar).

## EXEMPLO (3):

Um pai	achou	ruim.
<b>Experienciador</b>	<b>Processo mental cognitivo</b>	<b>Fenômeno</b>

Os *processos relacionais* estabelecem uma relação entre duas entidades diferentes. Nesse tipo de processo as orações geralmente representam seres no mundo em termos de suas características e identidades. São classificadas em *Atributivas* (atribuem a uma entidade características comuns aos membros dessa classe), *Identificadoras* (representam a identidade única de um ser) ou *Possessivas* (a relação entre as entidades é de posse).

## EXEMPLO (4):

Se	o cara	é	bem nascido de berço,
	<b>Portador</b>	<b>Processo relacional atributivo</b>	<b>Atributo</b>

Os *processos verbais* são processos do dizer e contribuem para variados tipos de discurso por ter como característica principal a fala. Os participantes das orações verbais são: *Dizente*, *Verbiagem*, *Receptor* e *Alvo*.



## EXEMPLO (5):

ontem	um menino de 10	chamou	uma menina de 8	de gostosa	na minha frente
<b>Circunstância</b>	<b>Dizente</b>	<b>Proc.verrbal</b>	<b>Receptor</b>	<b>Verbiagem</b>	<b>Circunstância</b>

Os *processos comportamentais* são processos de comportamento (tipicamente humano) fisiológico e psicológico, como respirar, tossir, sorrir, sonhar e olhar.

## EXEMPLO (6):

Chora	o filho, a mãe e também o tradicionalismo avô,
<b>Processo comportamental</b>	<b>Comportante</b>

E por fim os *processos existenciais* que são definidos como aqueles que representam algo que existe ou acontece. A oração existencial não apresenta sujeito. O participante desse tipo de oração é o *Existente*.

## EXEMPLO (7):

Tem	muito	trampo	pela frente
<b>Processo existencial</b>	<b>Circunstância</b>	<b>Existente</b>	<b>Circunstância</b>

Resumidamente, segue uma tabela com os processos e respectivos participantes:

<b>TIPOS DE PROCESSO</b>	<b>SIGNIFICADO DA CATEGORIA</b>	<b>PARTICIPANTES</b>	<b>EXEMPLOS DE VERBOS</b>
<b>Material</b> Transformativo Criativo	Fazer Acontecer	<b>Ator</b> <b>Meta</b> <b>Escopo</b> <b>Beneficiário</b> <b>Atributo</b>	Comprar, vender, mexer, pintar, cortar, quebrar, riscar, limpar, sujar, bater, matar
<b>Mental</b> Perceptivo Cognitivo Emotivo Desiderativo	Perceber Pensar Sentir Desejar	<b>Experienciador</b> <b>Fenômeno</b>	Perceber, ver, ouvir, lembrar, esquecer, pensar, saber, gostar, odiar, amar, querer
<b>Relacional</b> Intensivo Possessivo	Caracterizar Identificar	<b>Portador</b> <b>Atributo</b> <b>Identificado</b>	Ser (otimista) Ser (o presidente) Estar (em paz)

Circunstancial		<b>Identificador</b>	Ter (livros)
<b>Comportamental</b>	Comportar-se	<b>Comportante</b> <b>Comportamento</b>	Rir, chorar, dormir, cantar, dançar, bocejar
<b>Verbal</b>	Dizer	<b>Dizente</b> <b>Verbiagem</b> <b>Receptor</b> <b>Alvo</b>	Dizer, perguntar, responder, contar, relatar, explicar
<b>Existencial</b>	Existir	<b>Existente</b>	Haver, existir

Tabela 1- Tipos de processos e participantes (FUZER & CABRAL, 2010).

### 3.3. Representação dos Atores Sociais

Van Leeuwen (2008) relaciona os atores sociais ao contexto sociocultural e para isso se baseia na gramática sistêmico funcional de Halliday. Busca através dela, identificar como os atores sociais de um determinado discurso podem ser incluídos ou excluídos, propositalmente ou não pelo autor do discurso. A inclusão pode determinar a representação ativa ou passiva de um ator social no discurso e a exclusão pode eliminar ou deixar em segundo plano os atores sociais.

A *exclusão* pode ocorrer por *encobrimento* ou *supressão*. No caso da supressão, não há menção alguma a um ou todos participantes envolvidos em uma atividade. Na exclusão por *supressão* ocorre o apagamento da passiva/orações infinitivas cujo verbo no infinitivo funciona como um participante gramatical, das nominalizações ou dos adjetivos, todos dentro de um contexto que possa nos levar a suposição dos atores sociais, mas nunca a certeza da identidade dos mesmos. Alguns casos que exemplificam a supressão:

- Por oração infinitiva: “Foda é **pegar** metrô lotado, trem lotado”.  
“... não **crer** em Deus onde vocês moram é fácil...”.  
“**chegar** na quebrada depois de pegar o ônibus...”.  
“... e em casa quando **ligar** a TV...”.

Na *exclusão* por *encobrimento* os participantes não estão completamente excluídos. Aparecem em segundo plano, sendo pouco visíveis no texto, porém é possível inferir quem são os atores sociais. No seguinte trecho, nos termos em negrito,

pode-se observar a existência do encobrimento do ator social: “*Muita gente (está) no banzão, muitas (estão) de maquiagem pesada, mas muitas também (estão) com os cadernos no braço, mulher de periferia é guerreira...*”, pode-se observar neste trecho, que o ator social não aparece de início, porém pode-se inferir, pois quem usa maquiagem é o ser do sexo feminino. Logo mais a frente do discurso fica comprovada a inferência do ator social “mulher de periferia”. Vale ressaltar aqui, que os verbos em parêntese estão elípticos no texto.

A inclusão pode ser realizada de diferentes maneiras. Segundo van Leeuwen há quatro tipos de inclusão: *ativação*, *passivação*, *personalização*, *impersonalização*. Ele também apresenta outros tipos: *participação*, *circunstancialização* e *possessivação*, mas que na verdade são tipos de *ativação*.

Na *ativação* o ator social tem um papel ativo em relação ao evento, ele realiza as atividades. A *ativação* pode ser por:

- *Participação*: quando o participante é realizado gramaticalmente como o Ator, o Comportante, o Experienciador, o Dizente, o Portador e o Existente; Na seguinte oração: “*Hoje peguei minha velha Olivetti...*” o ator social é incluído por *ativação* e *participação*, onde o ator EU executa o processo material de pegar.
- *Circunstancialização*: quando o participante é realizado por meio de circunstâncias preposicionadas, introduzidas pelas preposições “por/pelo/pela” e “de” (origem); A *circunstancialização* ocorre nas orações: “... *tem muito trampo pela frente*”, ao qual não possui sujeito por se tratar de um processo existencial, porém o termo sublinhado caracteriza o modo como tem (existe) “muito trampo”. Já na oração “... *ontem um menino de 10 chamou...*” o termo em negrito delimita a idade do ator social no processo verbal.
- *Possessivação*: quando a *ativação* pode ser realizada por meio de um pronome possessivo que pré-modifique os nomes. Tomemos como exemplo: “... *ganhei do meu pai aos 12 anos...*”, no qual o caso de *ativação* ocorre pelo pronome possessivo “*meu*”.

Na *passivação* o ator sofre uma ação que não é produzida por ele mesmo, tornando-se um sujeito da passividade (*sujeição*) ou beneficiado pela passividade (*beneficiação*). Como nos seguintes casos:

- *Sujeição*: ... *cada dia abre mais academias...*”, aqui o ator social “as academias” “sofrem” a ação de serem abertas, ou seja, o ator social é sujeito do processo.

- Beneficiação: “... *palavras feitas para meu parça Paulo Lins...*”, nessa oração o ator social é o beneficiário no processo material criativo.

“... **ganhei** do meu pai aos 12 anos...” , nesse exemplo o ator se beneficia, ganhando alguma coisa.

“... *um menino de 10 chamou **uma menina de 8 de gostosa na minha frente...***” e neste exemplo, o termo em negrito é receptor no processo verbal e por isso, beneficiado, mesmo que de forma negativa ou pejorativa.

A *personalização* trata dos participantes que são incluídos e representados por seres humanos. Na *personalização* há subdivisões: *genericização*, *especificação*, *indeterminação* e *determinação*.

A *genericização* coloca os atores sociais em classes ou grupos e gramaticalmente pode realizar-se por plural sem artigo ou através do singular com artigo definido ou indefinido. Como na oração: “... **o cara** nasceu na dificuldade...”, o ator social é genérico sendo personalizado (agente humano).

A *especificação*, especifica o ator social e divide-se em *assimilação* e *individualização*.

Na *especificação* por *assimilação* há duas subdivisões: *agregação*, aos quais os atores sociais são vistos por dados estatísticos capazes de regulamentar as práticas e formar opiniões de consenso e *coletivização* que compreende a ideia de que o grupo é homogêneo em atitudes e ideias. Ex.: Nós, essa nação, a comunidade. Na *individualização* os atores sociais são referidos como indivíduos. Segue alguns exemplos de especificação:

“*E assim é **a quebrada**...*”, acontece a especificação por assimilação e coletivização, pois o termo em negrito tem a ideia de um grupo, mais particularmente o termo é usado em periferias.

“*Ferréz  **você acredita em Deus?***”, aqui ocorre a especificação por individualização, pois o ator social é especificado de maneira individualizada.

Na *personalização por indeterminação* os atores são representados como indivíduos ou grupos não especificados e anônimos. São percebidos por pronomes indefinidos ou por referências exofóricas.

No seguinte exemplo: “... *aqui entre nós **ninguém** crê em Deus, nem Jesus, nem nada disso*”, ocorre a personalização por indeterminação, visto que o ator social é caracterizado por um pronome indefinido, não dá para determinar quem crê ou não em Deus, etc.

Na *personalização por determinação* a identidade é especificada. A determinação pode ocorrer por: *associação ou dissociação, diferenciação, indiferenciação, nomeação, categorização, determinação única e sobredeterminação*.

*Associação ou dissociação* se realiza ou não pela parataxe, categorizando os atores por grupos que nunca são classificados no texto, mesmo que sejam nomeados de forma genérica ou específica, pois estarão sempre sendo referidos pela intersecção de ideias que um grupo de atores sociais consegue manter em relação a uma determinada situação.

*Determinação diferenciada* ocorre quando distingue as pessoas do discurso como atores sociais individualizados, diferenciados de seu grupo, e de uma forma mais abrangente, quando faz a comparação entre um grupo social e outro semelhante, sugeridas por van Leeuwen como *diferenciadas ou indiferenciadas*. Ele define apenas as diferenciadas, embora cite também as *indiferenciadas*.

*Determinação por nomeação* realiza-se através de nomes próprios. Acontece muito no trabalho da imprensa e pode se dividir em: *formal, semiformal ou informal* através de *titulação honorífica ou afiliada*.

Nessa oração: “... a outra menina **Nalu** pelo mundo mostrando umas ilhas paradisíacas...”, o ator social está determinado por nomeação informal. Nesse trecho, Ferréz determina o nome da menina, fazendo referência à menina que viaja pelo mundo com sua família e tem as viagens divulgadas em um canal de TV pago.

*Determinação por categorização* não é tão direta como a por *nomeação*. Pode ser *categorização por funcionalização* (os atores sociais são referidos por meio de sua atividade, ocupação ou função) e por *identificação* (são referidos por termos daquilo que são). A *determinação por categorização da identificação* é dividida em *identificação por classificação* (são referidos em termos das principais categorias, através das quais uma dada sociedade ou instituição diferencia classes de pessoas) e por *identificação relacional* (são geralmente possessivadas e estabelecem relação pessoal, parentesco, relação de trabalho) ou *física* (representam os atores sociais em termos de características físicas, que os identificam em um dado contexto).

Na oração “O **meu povo** é assim...”, a categorização é feita por identificação relacional, pois o ator social é representado pelo pronome possessivo “meu” que sugere uma relação.

E por fim, a *sobredeterminação* em que a escolha representativa coloca o ator como agente simultâneo de mais de uma prática social, a fim de legitimar as práticas

através dos textos. Acontece por *inversão*, quando uma prática social se opõe a outra; por *simbolização* quando se representam figuras não ficcionais no discurso ficcional; por *conotação* quando o ator social é identificado por um processo de conhecimento mítico; por *destilação* que percebe a *sobredeterminação* por meio de uma combinação de generalização e abstração que conecta atores sociais e várias práticas sociais a uma categoria que não lhe pertence de direito, embora atue nela de fato, como é o caso exemplificado pelo autor, de professores, advogados, padres, orientadores, que não sendo terapeutas oferecem terapias em suas práticas profissionais.

Na *impersonalização*, o significado não inclui o traço semântico ‘humano’. São representados por nomes abstratos ou concretos. Podem ser por *abstração* no qual os atores são representados pelo uso de substantivos abstratos, por meio de uma qualidade atribuída e tem sentido conotativo ou por *objetivação* quando tem sua referência associada a um local ou coisa que se relacione a eles, de modo a impersonalizar o verdadeiro responsável por uma determinada atividade.

Na oração: “... **os pensamentos** são vadios...”, ocorre a impersonalização do ator social por abstração, pois o termo em negrito é um substantivo abstrato.

A *objetivação* pode ser por especialização (os atores são representados por referência ao lugar em que estão em um dado contexto), *autonomização* (são representados em referência aos seus enunciados, dá autoridade impessoal aos enunciados), *instrumentalização* (são representados por referência ao instrumento pela qual se realiza a ação em que estão representados como engajados, implicados) e *somatização* (são representados por referência a uma parte de seus corpos).

Pode-se citar como exemplo de instrumentalização: “... **um tiro** mata um empresário no posto...”, no qual o termo em negrito, o ator social, é um instrumento e realiza a ação de matar o empresário.

Cabe lembrar, que foram citados apenas alguns exemplos para as diferentes divisões nas quais se encaixam os atores sociais, devido o *corpus* analisado não conter exemplos para todas as divisões aqui apresentadas.

#### 4. Metodologia

Com o objetivo de analisar o modo como a linguagem é usada para representar atores sociais marginalizados e atores sociais da elite, foram escolhidos 1 conto “O Plano” do livro Ninguém é Inocente em São Paulo, do escritor Ferréz e outros sete

pequenos textos tirados de suas páginas de relacionamento na internet (facebook e blog).

As questões da análise foram as seguintes:

- Como é representada a classe dita marginal?
- Como é representada a elite?
- De que maneira os atores sociais estão representados, de acordo com a categorização de van Leeuwen?
- Que função esses atores sociais desempenham em relação aos textos escolhidos?

Para fazer as análises foram realizadas as seguintes etapas: Primeiramente as orações dos textos foram analisadas por meio do sistema de transitividade com base na Gramática Sistêmico-Funcional, após isso foram analisadas as representações dos atores sociais caracterizadas por van Leeuwen.

## 5. Análise e resultados

### 5.1. Quadro resumo dos tipos de processos

Processos	Textos analisados e Quantidade de Processos							TOTAL
	Texto 1	Texto 2	Texto 3	Texto 4	Texto 5	Texto 6	Texto 7	
<b>Material Transformativo</b>	60	8	0	4	4	1	6	<b>83</b>
<b>Material Criativo</b>	6	1	0	1	0	0	3	<b>11</b>
<b>Mental Emotivo</b>	5	1	1	1	0	0	1	<b>9</b>
<b>Mental Perceptivo</b>	1	0	0	0	3	0	0	<b>4</b>
<b>Mental Desiderativo</b>	6	0	0	0	0	0	1	<b>7</b>
<b>Mental Cognitivo</b>	11	0	5	0	0	0	5	<b>21</b>
<b>Relacional Atributivo</b>	23	1	1	0	3	3	2	<b>33</b>
<b>Relacional</b>	15	1	0	0	1	0	3	<b>20</b>

<b>Identificacional</b>								
<b>Relacional Possessivo</b>	3	0	1	1	1	0	2	<b>8</b>
<b>Comportamental</b>	3	1	0	0	0	0	0	<b>4</b>
<b>Verbal</b>	4	0	0	0	0	0	5	<b>9</b>
<b>Existencial</b>	8	0	0	3	0	1	0	<b>12</b>

Tabela 2- Processos analisados nos textos.

## 5.2. Quadro resumo dos tipos de atores sociais

Textos e quantidades de atores sociais								
<b>Representação dos Atores Sociais</b>	<b>Texto 1</b>	<b>Texto 2</b>	<b>Texto 3</b>	<b>Texto 4</b>	<b>Texto 5</b>	<b>Texto 6</b>	<b>Texto 7</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Inclusão Ativação</b>	<b>101</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>24</b>	<b>153</b>
<b>Inclusão Passivação</b>	<b>19</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>9</b>	<b>11</b>	<b>2</b>	<b>18</b>	<b>68</b>
<b>Exclusão Encobrimento</b>	<b>15</b>	<b>6</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>21</b>
<b>Exclusão Supressão</b>	<b>18</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>5</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>23</b>

Tabela 3 – Representação dos atores sociais.

A partir da classificação das orações que constituem os textos analisados percebe-se a predominância de processos materiais transformativos, relacionais atributivos, relacionais identificacionais e mentais cognitivos. A partir dessa constatação nota-se que os atores sociais estão ativos realizando as ações e ao mesmo tempo estão sendo identificados e recebendo atributos. As orações mentais cognitivas representam que muitas ações estão pautadas na cognição, no plano do pensamento.

Quanto aos atores sociais a maior parte é incluído por ativação seguida dos atores incluídos por passivação. Em alguns textos houve predominância de encobrimento do ator social, outros não tiveram ocorrências. Aconteceu muitas vezes nos textos de o ator social ser indeterminado: “ninguém”, “um deles”, “todo mundo”,



“tudo” “alguém”. Essa indeterminação mostra a intenção de não dar “cara” a quem participa do discurso, mesmo que ele seja um ator ativo.

Casos de impersonalização também são bastante recorrentes, aparecem como atores ativos e tomam a “cena” de atores personalizados, em alguns momentos.

A individualização “eu” é bastante identificada, a busca de uma representação em que se é incluído junto com os excluídos. Entende-se com isso que Ferréz pode ser considerado um intelectual periférico, que ingressa em uma luta de aquisição de poder através do discurso. Através da palavra, ele usa seu papel cultural e social para revelar a realidade de indivíduos em exclusão. O autor traz consigo um sentimento de pertencimento a essa comunidade e suas produções visam recuperar a *“memória de todas aquelas coisas que tendem a ser desprezadas ou deixadas no limbo, na ânsia de um julgamento e uma ação coletiva”* (SAID, 2003. p. 44).

Segue um trecho do texto de Ferréz:

*“Sai, e peguei minha velha Olivetti de novo, com ela **corrijo** o mundo, com ela não **faço** o exercício como nas academias cheias de vaidade, mas **exercito** um direito, o de **fazer** o mundo a meu modo. Enquanto tiver força nesses dedos não desisto”.* (FERRÉZ, 2013)

Como se pode perceber nos termos em negrito, o escritor se coloca no discurso como alguém que tem uma “missão” de representação, ele é um ator ativo representado por processos materiais transformativos e criativos, ou seja, aquele que está em ação. Ele realiza, cria, não fica no plano do pensamento apenas.

Foucault diz que:

*“em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”.* (FOUCAULT, 1996, apud DALCASTAGNE, 2007, p.36).

No discurso de Ferréz, o poder de disseminar através da palavra é o de revelar realidades da periferia, dar voz aos excluídos, criticar a camada social elitizada.

Fairclough coloca que:

*“Diferentes discursos são diferentes perspectivas sobre o mundo, e estão associadas com as diferentes relações que as pessoas têm do mundo, o que por sua vez depende de suas posições no mundo, suas identidades sociais e pessoais, bem como as relações sociais que eles têm com outras pessoas”.* (FAIRCLOUGH, 2005, p. 125)

A classe elitizada aparece como quem é vista de longe, realizando ações que não podem ser realizadas por quem está na margem social: *“e em casa quando ligar a TV*

*tem que ver só boy viajando, um tá em Los Angeles mostrando o halloween de lá, a outra uma menininha, Nalu pelo mundo mostrando umas ilhas paradisíacas... ”.*

Em um dos textos analisados o termo “o sistema” é colocado como quem detém o poder e pode ser visto também como o sistema capitalista ou o modo de governo. No texto ele é citado através do processo material transformativo como quem “falhou”, ou seja, não conseguiu alcançar o objetivo. O ator social “o plano”, que aparece em orações materiais transformativas, está sempre como ator ativado por participação, o que demonstra ação do mesmo, representando o poder e é interpretado como o plano da classe elitizada, da classe hegemônica. A hegemonia é caracterizada como domínio exercido pelo poder de um grupo sobre os demais, baseado mais no consenso que no uso da força. Sobre ela Fairclough enfatiza que:

*“Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um 'equilíbrio instável'. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento.”* (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122).

Percebe-se ainda um discurso marcado por especificidades locais, questões comuns à periferia pobre: “quebrada”, “banzão”, “trampo”, “parça”, “mano”, “boy”. As vozes ignoradas recebem voz no discurso de Ferréz, que apresenta angústias do indivíduo “marginalizado”, indivíduo que carrega certa diminuição em sua história e em sua cultura: “*se o cara nasceu na dificuldade e coloca um tênis legal e uma peita boa ai é “ostentação...”* ”, esse “cara” é o morador periférico que é representado por um ator social ativado por genericização.

A elite é destacada em “*... os pés descalços estão sujos como a mente da elite...*”, nessa oração o processo relacional identificador deixa clara a intenção de comparar a sujeira dos pés descalços à mente da elite. Há a representação de forma conotativa da elite em relação ao ator impersonalizado “*pés descalços*”.

Ao longo do *corpus* estudado vê-se a classe marginal sempre se contrapondo à classe elitizada. Ambas, são colocadas e identificadas como distantes uma da outra.

## 6. Considerações Finais

Ao apresentar a teoria da Transitividade de Halliday & Metthiessen, juntamente com a Representação dos Atores Sociais de van Leeuwen percebe-se nos textos analisados um empenho em se fazer ouvir, a necessidade de através do discurso, expor problemas sociais e representar uma classe que está às margens. A maneira como os atores sociais atuam dentro dos textos reforçam a ideia de um povo que quer ser ouvido e representado. A elite aparece algumas vezes como “vilã”, e ações negativas ligadas às pessoas da periferia geralmente não identificam o ator social, deixando-os como indeterminados.

Nota-se a vontade de ressaltar aspectos positivos da classe marginal e criticar os negativos que também estão ligados a essa classe, ou seja, não se expõe apenas o que é visto como positivo para caracterizá-la, mas também se retrata a faceta negativa dessa realidade.

## 7. Referências Bibliográficas

- DALCASTAGNÈ, Regina. “Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 20. Brasília, julho/agosto de 2002.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse*. London and New York: Routledge, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Discurso e Mudança Social*. Tradução Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FERRÉZ. “O Plano”. *Ninguém é Inocente em São Paulo*. São Paulo: Objetiva, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- FUZER, Cristiane & CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2010.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Routledge, 2014.
- LEEUWEN, Theo van. *Discourse and Practice*. New York: Oxford University Press, 2008.
- PONGE, Roberto. *Crítica Literária em nossos dias e Literatura Marginal*. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1981.

PRASS, Tamiris Slongo. *Literatura Marginal: Exposição e Legitimidade na Escrita Brasileira Contemporânea*. Revista Novas Letras. Edição 2011.

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda, 2005.

WEBSTER, J. Introduction. In: HALLIDAY, M. A. K: WEBSTER, J. *Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics*. New York: Continuum International Publishing Group, 2009.

## 8. Anexos

(1)

### O Plano

O esquema tá mil grau, meia noite pego o ônibus, mó viagem de rolê prá voltar, o trampo nem cansa muito, o que mais condena o trabalhador é o transporte coletivo. Muita gente no banzão, muitas de maquiagem pesada, mas muitas também com os cadernos no braço, mulher de periferia é guerreira, quero ver achar igual em outro lugar.

O plano vai bem, dois manos de cadeira de rodas no final do Capelinha, um outro de muleta, um cego entra logo depois, essa porra é ou não é uma guerra?

Os pés descalços, sujos como a mente da elite, o plano vai bem, todos resignados, cada um, uma seqüela, chamados desgraçados, nunca tem no bolço o dobro de cinco, nunca passaram na rua da Confluência da Forquilha, e se passaram, pararam, entraram nos apartamentos, fritaram rosbife, prepararam lindos pratos e em casa nem o ovo é esperado, cuidam da segurança dos outros e em casa nem isso sonham Ter.

Não me admira que o plano funcione, os pensamentos são vadios, afinal essa é a soma de tudo, quem? O rei do ponto? Esse tá sossegado só contando o dinheiro, informação? Não! O povo é leigo, não entende, então não complica, o assunto na favela só Casa dos Artistas, discutir na favela só se o Corinthians é campeão ou não, nada contra sabe, mas futebol não é arte, futebol é bola e homens correndo. Prá mim num pega nada, desculpa quem gosta disso mas é simples, é a regra da vida em simples lances, eu quero mais, quero regras complicadas, quero traços que tragam uma época que talvez não vivi, mas sinto, quero palavras que gerem vida, desculpa aí meu, mas eu não gosto disso aí, prá mim nunca vogô nada, nunca entendi, nunca participei, só sei que muitos que gostei morreram por isso, mas nunca entendi porque morrer por isso.

O meu povo é assim, vive de paixão, o ideal revolucionário também é pura paixão, muitos amam Lucimares, muitos amam Marias, Josefas, Dorotéias, e na transubstanciação da dor um tiro mata um empresário no posto, o plano funciona.

E quer saber?

NINGUÉM É INOCENTE EM SÃO PAULO.

Somos culpados.

Culpados.

Culpados também.

O mundo em guerra e a revista Época põe o Bam Bam do Big Brother na capa, mas que porra de país é esse?

Ah! É verdade o plano funciona.

Tô no buzão ainda e um maluco me encara, vai se foder, você é meu espelho, não vou quebrar meu reflexo, mas a maioria quebra, faz o que o sistema quer.

Quem gera preconceito é só quem tem poder, um sem o outro não existe, o ônibus balança que só a porra, tenho até desgosto de continuar a escrever, mas comigo o plano não funciona.

Finalmente o ponto, a porta abre bruscamente, desço, todo mundo no pau, o motorista mal espera descer e sai em disparada, ando até em casa, já tá serenando, pizzeria aberta: - Chega aí Ferréz!

Vô não irmão, tenho que resolver algumas coisas, chego em casa, deixo a bolsa pego o livro do Dr. Lair Ribeiro, tenho vontade de rasgar, mas vou deixar lá na biblioteca, deve servir prá alguém sei lá, vai saber, tem louco prá tudo né não? Pegoo Memórias de um Sobrevivente do Luiz Alberto Mendes, isso é livro de verdade, começo a folhear, decido ir prá casa do André, vou cerrar um café por lá mesmo, um outro, o meu antigo parceiro pipocou, me decepcionou, se entregou por pouca coisa, que se foda então, fica perto de fraco dá fraqueza, subo a rua, chamo, ele aparece e diz que tá indo prá casa do Duda, decidimos ir, chegamos lá, a Dona Gênê já começa a fazer o café, a gente senta no confortável sofá da sala, a Mel vem brincando, que cachorrinha da hora, a Fabiane liga a tv e o plano começa funcionar de novo.

(2)

### **Datilógrafo do gueto**

E assim é a quebrada onde no dia-a-dia é buzão lotado e cheiro de churrasco, palavras feitas para meu parça Paulo Lins, na sua nova edição do Cidade de Deus, segue um trecho.

Chora o filho, a mãe e também o tradicionalíssimo avô, /o sistema falhou, /os herdeiro vacilou. /Um deles escapou, /se matou de trabalhar /mas estudou, /não serviu pra ser massa de manobra, /mas não parou,/ foi em frente /e com a caneta inspirou.

(3)

### **Conversa em Frankfurt**

- Ferréz você crê em Deus? que coisa mais antiquada.

- Bom, as vezes tenho minhas dúvidas,/mas na maioria do tempo creio.

- Putz, aqui entre nós ninguém crê em Deus, nem Jesus, nem nada disso.

- Bom, eu entendo, não crer em Deus onde vocês moram é fácil, quero ver num crer em Deus morando na periferia.

E assim foi os dias em Frankfurt.

(4)

(sem título)

Aqui tem muito pra ser feito, as bancas de jornais aqui do Capão só tem, revista de novela cada dia abre mais academias e continuamos sem livrarias, o amor a aparência impera, salão de beleza é em toda esquina, e a mente ninguém trabalha, todo mundo em trocar de carro, e ninguém enriquece a mente, tem muito trapo pela frente.

(5)

(sem título)

Foda é pegar metrô lotado, trem lotado, chegar na quebrada depois de pegar o ônibus, pois o metrô não chega até onde podia chegar, subir o morro do S todo dia nessa mesma lida, e em casa quando ligar a TV tem que ver só boy viajando, um tá em Los Angeles mostrando o halloween de lá, a outra uma menininha, Nalu pelo mundo, mostrando umas ilhas paradisíacas, porra ai é sacanagem demais.

A frase é – Vida plena agora, não depois que eu morrer para ver se a promessa de um céu existe.

(6)

(sem título)

Se o cara é bem nascido de berço, usa tênis caro, roupa de marca é normal, se o cara nasceu na dificuldade e coloca um tênis legal e uma peita boa ai é “ostentação”.

(7)

### **Minha Velha Olivetti**

Hoje peguei minha velha Olivetti, ganhei do meu pai aos 12 anos, só tenho um diploma até hoje o de datilografia.

Batendo firme nessas teclas escrevi Capão Pecado, com elas firmei o propósito de saber falar por um povo sem espaço nos meios de comunicação, a não ser quando são ridicularizados.

Com esse exercício mentalizei o compromisso de ser o certo pelo certo, admito, que hoje é mais difícil.

Os valores estão cada dia mais escassos, ontem um menino de 10 chamou uma menina de 8 de gostosa na minha frente, em seguida mandou um palavrão, na frente dos pais, num parquinho.

Como datilógrafo eu retruquei, um pai achou ruim.

- Com meu filho ninguém fala nada além de mim.

Outro menino do lado com uns 8 anos, começou a recitar um funk pornográfico para provocar, o palavrão era o mesmo, tudo normal, menos o que eu sentia.

Sai, e peguei minha velha Olivetti de novo, com ela corrijo o mundo, com ela não faço o exercício como nas academias cheias de vaidade, mas exercito um direito, o de fazer o mundo a meu modo.

Enquanto tiver força nesses dedos não desisto.